

NÚMERO IV

BALANÇO

CORTES

CORTADOS INTEGRALMENTE:

2 ARTIGOS

BERTRAND RUSSELL - UM HUMANISMO  
VIGILANTE de TIAGO DE OLIVEIRA

e  
REFLEXÕES SOBRE O INTEGRISMO  
de MÁRIO BROCHADO COELHO

A NOTA do NOTICIÁRIO CRÍTICO

IN DUBIO PRO REO - - JOÃO  
BENAVEN DE COSTA

Provas remetidas à Censura

em 15/4/63

Prova n.º 32

Saída em 28/4/63



## REFLEXÕES SOBRE O INTEGRISMO

O ritmo constantiniano que durante tantos séculos tem embalado os responsáveis da Igreja visível trouxe consigo toda uma gama de equívocos e preconceitos em tudo alheios ao traçado geral da Palavra de Cristo. Tornou sobretudo possível que certos sectores existentes em todas as idades tentassem e conseguissem lançar a confusão entre aquela Palavra e as suas actuações e interesses pessoais. A Igreja, senhora dum prestígio e influência muito especiais, constituiu e constitui ainda um grande meio de justificação de ideias e acções que por si só nunca passariam de erros unânimes reconhecidos. Certas características da organização hierárquica católica, na medida em que se traduzem numa enorme morosidade de reacções a certos estímulos exteriores ou interiores, têm contribuído com o seu silêncio para a possibilidade e perpetuação de tais equívocos e matérias de confusão. Outras vezes, porém, a atitude da hierarquia leva o seu silêncio até ao ponto de permitir que alguns dos seus membros acolham favoravelmente tais manobras e as expressem em público. Usando os atributos próprios da Igreja e da sua doutrina no aspecto formal e indo buscar para conteúdo concepções não só estranhas àquela, mas até por vezes contrárias, tem-se conseguido dar vida a movimentos de carácter des cristianizante. Todos os de um certo sector da opinião podem, durante um prazo bastante longo, lançar ao vento a integração das suas ideias e a sua aprovação face à influente Igreja Católica. Espalhado o equívoco, por vezes em sociedades que, por já muito habituadas a tais métodos não sabem nem podem reagir, fica quase que definitivamente aceite a verdade da pretensa evidência ou conexão proposta a milhões de católicos submissos. De tudo isto — além do empréstimo de força a escolas e movimentos que por si só nunca a possuíam — resulta uma grave quebra na pureza e verdade da mensagem personificada de Cristo e principalmente o envilecimento do testemunho dado as descrentes dessa mensagem. Em todos os tempos e em todos os lugares têm sido infelizmente numerosos os que dizem basear a sua tirania pessoal, o seu despotismo político, a sua intolerância e a sua falta de respeito pela dignidade dos filhos de Deus, nos princípios do Amor, Tolerância e Liberdade da Igreja de Cristo. Manobra política de grande efeito, não temos dúvidas, mas causadora de irremediáveis prejuízos à missão daquela Igreja. Tentado e conseguido o equívoco, aos olhos dos que não O conhecem, Cristo ou aparece abandonado ou sobre a forma de mero instrumento político de violação daquilo que afinal foi a sua própria Palavra. O equívoco não imediatamente combatido leva à profanação não só da

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

Provas remetidas à Censura

em 15/4/63

Prova n.º 33

Saída em 27/4/63



Igreja militante, mas até do próprio significado da Encarnação. Permitem no entanto os tempos que correm encarar com mais esperança a visão deste problema. Na verdade a Igreja de hoje, na sua face conciliar, parece-nos pronta a acabar de vez com esses inúmeros mal-entendidos. Cristo, sobretudo sob o ponto de vista social, parece querer-nos aparecer através do testemunho da sua Igreja, cada vez mais igual a Si próprio, cada vez mais verdadeiro. O problema porém continua a pôr-se aqui e ali como realidade vivida e sofrida por grandes massas de católicos e não católicos. Por isso mesmo nos sentimos obrigados a contribuir com este esforço no sentido da definitiva desalienação e descompromisso — face a terceiros — da Igreja Católica.

O que se deve entender por «integrismo»? É difícil a compreensão da realidade complexa e quase sempre desconexa que se esconde sob esta designação que uns dizem ter um conteúdo preciso e objectivo e outros afirmam não ser mais do que um mito criado pelos modernistas ou progressistas. «Integrismo» é um termo que, como qualquer outro, é usado para compreensão ou simples evocação de algo determinado. Também como todos os demais termos linguísticos, este está sujeito a que algumas suas características — etimológicas, históricas, etc. — exerçam sobre o objecto focado uma função ora restritiva ora extensiva. Precisamente devido a estas características é que normalmente se torna difícil o acordo sobre o significado preciso das palavras usadas. Daqui se conclui que «integrismo»-palavra, por si só, não pode ser tido como chave absoluta duma realidade que se pretende conhecer, sendo antes para nós uma referência vaga, quase nada ligada à sua raiz etimológica, de um determinado conjunto de ideias e acções que agrupadas por movimento próprio ou apenas pelo esforço do observador se nos apresentam como um todo mais ou menos homogéneo, mais ou menos estruturado. Fazemos esta intrdução para evitar desde já certas críticas que afirmam ser a palavra «integrismo» algo de unicamente construído no ar sem que nada lhe preexista de real a fundamentá-la. Tais críticas agarram-se como é evidente ou ao sentido etimológico daquela palavra ou à negação obstinada duma realidade que já demasiado mostrou ser algo de muito concreto. Nesta medida desejamos aqui desde início expressar que para nós o objecto a definir em nenhuma parte ficará limitado pelas vicissitudes do termo que vamos usar para o evocarmos ao longo deste trabalho. Assim, «integrismo» para nós é uma tendência, uma psicologia, uma tática, uma ideologia mais ou menos estruturada que quer a confusão dos planos político e religioso em proveito único de concepções que a terminologia filosófica e política diz serem do tipo direitista. Resta-nos

2

SERVÍCIOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

Provas remetidas à Censura

em 15/4/63

Prova n.º 34

Saída em 28/4/63



portanto fazer de «integrismo» não uma definição mas uma descrição em razão de o objecto evocado não apresentar por si qualquer conexão lógica ou estrutura interna possíveis. Estamos perante algo de desordenado e de confuso que foge a todas as designações técnicas na medida em que a cada momento se contradiz e se indetermina. Resta-nos pois descrever uma existência na multiplicidade das suas faces conhecidas. O integrismo tem as suas origens numa certa psicologia, num certo temperamento. Joseph Folliet, no seu ensaio de psicanálise existencial do progressismo e do integrismo, mostra quanto a este último, através duma análise bem cuidada, que as suas raízes estão firmemente enterradas em certos tipos definidos de terrenos. Existe uma maneira de ser, uma maneira de sentir, pensar e agir própria, que podemos considerar como a psicologia típica do «homem integrista». Estudemos pois as reacções deste homem acompanhando Folliet.

De princípio o integrista determina-se pela impossibilidade absoluta de diálogo. Prefere o monólogo, a conversação a um, em tom de voz alto, grave e intimidativo, auxiliado por modos superiores e autoritários. Nunca reconhece as suas faltas por nunca se querer confessar de acordo com o «adversário» na sua «luta» quotidiana contra o Mal. Os seus julgamentos são definitivos e por isso, longe de se limitar a dar opiniões, antes condena e ataca como se investido estivesse de toda a autoridade da Igreja. Para base desta forma de agir usa um sistema de raciocínio mais ou menos silogístico de resultados fantásticos que se poderá resumir da seguinte forma: Deus é a Verdade; a Igreja na medida em que perpetua a presença de Deus é a Verdade; o integrista, porque é católico, possui a Verdade. Com este magnífico impulso ele salta para a realidade vivida supondo ter em si a solução para todos os problemas visto a Verdade se lhe oferecer em absoluto e na sua totalidade. Mas essa posse da Verdade é para ele algo de efectivo, uma posse realmente justificativa de todo e qualquer uso, quase se podendo dizer que mais do que posse se trata já de um direito de propriedade em toda a extensão dos seus poderes abusivos sobre a coisa possuída — neste caso nada menos do que a Verdade. O integrista sabe onde começa a Verdade e acaba o Erro e por isso, senhor da árvore da ciência, enfrenta o mundo qual cavaleiro invencível certo da sua vitória e da condenação geral. Sabendo-se com certeza e em estado de Graça e na posse da Verdade, além de se entregar a práticas de predestinação com todo o à-vontade, mostra conhecer os desígnios de Deus marcando fronteiras já não entre a Verdade e o Erro, mas entre si e os que não estão de acordo consigo. Tudo se lhe oferece límpido e claro e por isso mesmo não admite a complexidade de certas

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

Provas remetidas à Censura

em 15/4/63

Prav. n.º 35

Saída em 20/4/63



questões. Basta-lhe afirmar os princípios em que acredita e essa afirmação serve-lhe de demonstração categórica da verdade desses mesmos princípios. Tudo lhe é fácil e intuitivo, até mesmo criar princípios seus atribuindo-os à Igreja ou não aceitar senão o significado absoluto de certos outros princípios só válidos quando em conexão com princípios contrários. Falta-lhe o sentido do relativo. De toda esta clareza de posição sempre afirmada peremptoriamente nasce o sentimento de escândalo ao notar que há pessoas que não se deixam impregnar por esse banho de evidências e soluções fáceis. Atribui tal facto a estupidez, má fé, cegueira, desonestidade, etc., e por tal facto todos os meios são válidos para se lutar contra os que por essas razões não o acompanham nas suas circunvoluções integristas. Todos os meios são válidos e legítimos em nome da Caridade (...). Os resultados são como é bem de ver monstruosos. Afirma que *l'orthodoxie c'est ma doxie à moi; l'heterodoxie, c'est la doxie des autres* e nessa linha exagera e estende a ortodoxia fazendo de tudo matéria dogmática logo que o resultado aproveite às suas concepções: explicações, opiniões, dúvidas, orientações, cartas pessoais, tudo é matéria de dogma. Em nítido paradoxo, porém, tal extensão vem afinal de contas a redondar, graças às péssimas qualidades de teólogo que o integrista possui, na transformação do catolicismo em qualquer coisa de vulgar e de primário, misto da sua ignorância e por vezes má fé e das suas paixões políticas. Segundo Folliet está-se perante uma *majoration d'une orthodoxie dévitalisée*.

Uma outra característica do homem integrista-tipo é a sua autoritarite aguda que o leva a falar incessantemente de ordem, segurança, disciplina, obediência, etc., menosprezando por outro lado tudo o que possa implicar no ser humano um pouco de confiança na auto-sugestão livre de cada um. Sem ser autoritário é pois autoritarista ao encontrar a justificação daqueles conceitos na sua própria definição. Ama a obediência, a disciplina e fala de ordem como se a sua justificação existisse nas ideias de obediência, disciplina e ordem. São conceitos necessários que vivem por si, independentemente de considerações de justiça, liberdade ou amor. Há nele muito de pessimismo que o leva a não acreditar em si próprio e a sofrer a necessidade aguda de temas e credos que lhe pareçam ter a solidez suficiente para o sustentar em posição vertical perante o mundo e Deus. Acontece, no entanto, que a ajuda é pedida quase sempre a elementos restritivos da sua já fraca personalidade que em vez de o prepararem para a vida o diminuem cada vez mais. A partir de tal aceitação o integrista passa a ser um semi-homem submetido às autoridades a quem alienou a responsabilidade de ser consciente. Limitado e reduzido desta forma, só adora a sua deformidade e é assim mesmo que nos aparece como autoritarista, investindo-se na autoridade da própria

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

Provas remetidas à Censura

em 15/4/63

Prova n.º 36

Saída em 28/4/63



Igreja, substituindo-se às suas verdadeiras autoridades. Onde houver hierarquia e obediência que ele possa transformar em tirania e opressão a favor das suas tendências fáceis, ei-lo presente a batalhar com todas as suas forças e meios. Em casa é um «pater familias» no sentido romano puro e a educação aceita como norma os crimes corporais. Em política odeia tudo o que lembre liberdade e justiça através dessa mesma liberdade, a opinião pública, o sindicalismo e em regra todo o movimento que parta de baixo para cima, ou seja da «ralé» para a «boa gente» da sociedade. No plano económico não possui normalmente ideias preferindo solucionar os seus problemas casuisticamente segundo um critério de lucro próprio. Ultimamente diz aceitar uma economia do tipo paternalista chamada, ao que parece, «corporatisme» mas ainda não pôde nem quis especificar o significado de tal termo. Uma norma porém preconiza: iniciativa privada suficientemente livre para facilmente conseguir a inteira satisfação dos seus interesses pessoais e de classe. Possui um fraco pelas organizações militares, pela monarquia absoluta, pela ditadura e em geral por toda a espécie de totalitarismos do seu tipo direitoista. Em França, por exemplo, é de notar a sua frouxidão quanto à Resistência e a ausência de crítica ao fascismo. É claro que, como para evitar que a construção deste tipo de homem ficasse lógica e coerente, aparece para cada elemento de determinação um outro de sentido contrário. Estamos no reinado paradoxo. É o caso do integrista, apesar de toda a sua autoritarite aguda e do tempo e espaço que gasta a declarar-se submisso às hierarquias religiosas, ser quem mais foge à verdade das suas determinações. Diz-se submisso em tudo, mas apenas o é no que lhe aproveita, lutando contra tudo o que nos documentos pontifícios seja contrário às suas aspirações. Sem olhar a meios desqualifica a palavra de padres, teólogos, bispos e até Papas, se preciso fôr. Acima de todos estes representantes da Igreja visível está sempre a sua mente iluminada que trabalha ao nível das citações acumuladas e adulteradas. Joseph Folliet confirma mesmo uma supeita nossa ao falar da presença no homem integrista-tipo de desequilíbrios paranóicos com acessos reivindicativos ou de perseguição. Há nele períodos que só assim se compreendem sendo a sua explicação quase sempre de ordem psicanalítica e não ideológica ou religiosa. Temos mesmo que reconhecer que até agora esta descrição da psicologia própria deste tipo de pessoas não nos oferece mais do que o acumular de reacções cujo sentido é de um confucionismo que entristece. Uma coisa porém continua presente em todos os momentos desta descrição: o facto de em tudo e de tudo querer tirar proveito para os seus sistemas filosóficos e políticos direitoistas.

Resta-nos frisar mais duas características-base do nosso homem:

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

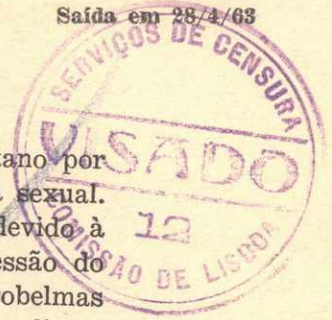
*segue*

Provas remetidas à Censura

em 11/4/63

Prova n.º 37

Saída em 28/4/63



o puritanismo moral e o «veterismo». O integrista é um puritano por excelência. Nele a moral é a moral individual e esta reduz-se à sexual. Não se preocupando com os problemas morais que se geram devido à má repartição dos rendimentos, à miséria, ao racismo, à opressão do homem pelo homem, considera como únicos em toda a moral os problemas centimétricos sobre decotes, mangas, fatos de banho, publicações licenciosas, etc. Tudo o resto não constitui para ele um problema de comportamento visto que o seu indefinível e misterioso «corporatisme» ajudado pelas suas virtudes esmoleres e declarações de princípios abstractos inaplicáveis na prática, tudo resolve. E aqui como em todos os demais pontos aparece-nos o fenómeno paradoxo, familiar no integrismo. Acontece realmente que se todo este puritanismo vai até ao ponto de considerar Claudel como pornográfico e de a mesma sorte terem escritores como Bernanos, já não vai até à coerência de considerar da mesma forma certos escritos e escritores seus protegidos, sendo esses na verdade mestres na arte do insulto e da pornografia. A moral tem assim aplicação a todos os campos menos ao seu preferido. Quase nos perguntamos se o integrista lerá a Bíblia truncada de certas partes que porventura classificará de escandalosas... Não há dúvida que estamos perante um retorno à «sinagoga», ao farisaísmo iluminado.

O «veterismo» constitui a última característica do temperamento integrista. Este mais do que tradicionalista encarna a própria tradição que treme perante tudo o que seja novo, perante tudo o que seja uma descoberta. Para ele tudo o que é anterior à Revolução Francesa é o óptimo e por isso não aceita nem Rouault nem Blondel nem Maritain e mesmo certos avanços científicos indiscutíveis como por exemplo o produzido no domínio da psicanálise. Tudo o que venha contrariar a sua visão do passado como sendo a única e a óptima, causa-lhe vertigens. Para ele tudo o que é novo é mau e por isso deve ser combatido.

Feita a descrição das reacções mais típicas do integrismo falta-nos ainda saber qual a posição que os possuídos por esta forma de ser ocupam dentro da sociedade. Com efeito, tanto os 5000 *chevaliers de la Cité Catholique* e as 7000 *gouttes de masse* do CESPS como todos os demais simpaticizantes do integrismo, pouco ou muito activos, estão escalonados dentro da sociedade em extractos definidos. Assim, podemos verificar que quase todos, se não a totalidade, pertencem à alta ou média burguesia: ou são industriais, comerciantes, empregados públicos, professores primários e dos liceus, padres de província ou, então, são militares, missionários expulsos e todo um conjunto de pessoas vindas ou do comunismo ou do anarquismo através de conversões rápidas. Deparamos também com uma quase evidente interligação dos movimentos integristas e dos de uma certa

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Segue

Provas remetidas à Censura

15/11/63

Prova n.º 39

Saida em 28/1/65



burguesia, talvez a menos habitada, mas a que mais se julga iluminada. Não se notam adesões de operários embora as haja entre os camponeses mais ligados a certos tipos de «sacristias» e isso só por si é o bastante para retirar ao integrismo toda e qualquer pretensão sobre a sua permeabilidade e evidência práticas. Aparece-nos nitidamente como um movimento de classe com todas as suas táticas de defesa em nome dos princípios de forma pura e conteúdo adulterado. O integrista é um burguês normalmente pouco instruído que sofrendo de um medo patológico face ao comunismo procura como absolutamente necessário qualquer coisa que lhe dê a segurança que de dia para dia vai perdendo. Este é pois o nosso homem, o homem cuja perigosidade justifica toda esta atenção. Agora que o descrevemos, cabe-nos escutar da sua própria boca a explicação do movimento em que está integrado. Será difícil compreendê-lo, mas vale a pena.

«S'il n'y a d ebon que ce qui est intégralement bon, nous devons conclure qu'il n'y de vrai que ce qui est intégralement vrai. Et donc ce qui n'est pas entièrement vrai est faux». (La Pensée Catholique, n.º 21, p. 12.

«Il y a un plérôme du Mal, comme il y a un plérôme du Bien. Il y a un corps mystique de Satan comme il y a un Corps mystique du Christ, et toute la durée de la vie terrestre doit se passer à l'édification de l'un et de l'autre». (Idem, p. 24).

«Cristo é rei, «roi universal... et, donc, roi des rois, roi des nations, roi des peuples, roi des institutions, roi des sociétés, roi de l'ordre politique comme de l'ordre privé». (Pour Qu'il Règne).

«Si, par-dessus tout, l'histoire nous révèle un ensemble gigantesque et pratiquement universel d'organisations, opérations, transformations sociales, dont les moins qu'on puisse dire est que cet ensemble apparaît comme la plus effroyable entreprise qu'on ait jamais vue pour saper la foi dans les âmes et arracher le christianisme de la vie des nations comme de la vie des individus, il est évident que l'Enfer est certainement déchaîné pour cette affaire». (Idem).

«Libéraux, radicaux, radicaux-socialistes, socialistes divers, communistes, autant de fils de la Révolution, agents plus ou moins directs de la subversion universelle». (Idem). A estes juntam-se «ceux qui dans la place même, se comportent perfidement en agents très efficaces de la cause ennemie, d'autant plus redoutables qu'ils sont plus difficiles à démasquer et continuent à se dire catholiques». (Idem).

«Jamais tant de chrétiens n'ont cherché des excuses à l'ennemi, tenté avec tant de persistance un rapprochement avec l'adversaire, voulu donner raison à l'ennemi contrairement à toutes traditions anciennes, à toutes

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

7





«les décisions présents de l'Église. Jamais il n'y eut au milieu de l'Église une si nombreuse et si puissante cinquième colonne». (A. Egret, *La voie triomphale*, Nouv. Ed. Latines, Paris, 1957, p. 330).

«De toutes les tâches qui s'offrent à la «Cité Catholique», aucune ne nous a paru plus importante, plus urgente, que celle de la formation d'une élite par l'organisation d'un réseau étroit de cercles de travail». (Verbe). É preciso «former le militant complet de la Contre-Révolution». (Idem).

«Nous devrions comprendre que le problème posé par cette guerre est beaucoup plus simple que celui que posaient les guerres précédentes. Ce n'est plus seulement la patrie, la terre des ancêtres, de multiples et légitimes biens matériels et spirituels qui sont à défendre contre un envahisseur ou un voisin trop belliqueux... Il s'agit aujourd'hui d'une guerre qui nous touche au coeur de notre être. L'adversaire ne s'attaque pas essentiellement à notre «prince», à telle ou telle communauté sociale; il s'attaque à l'ordre naturel, fondement de la morale, à notre conscience, à notre personne, à notre foi, bien entendu (avec la promesse de bannir Dieu même de la société). C'est un adversaire «intrinsèquement pervers», pour reprendre les paroles mêmes de Pie XI...» (Verbe, Janvier 1959, supp. 12).

«Oeuvre charnière qui devra être catholique, puisqu'elle aura pour but de travailler à la réalisation de cette fin éminemment catholique: le règne social de notre Seigneur en France et dans le monde». (Pour Qu'il Règne).

«Echec au communisme! Ce n'est pas un combat naturel qui nous est proposé, c'est un combat quasi-surnaturel contre le Prince des Ténèbres, le père du mensonge, le séducteur des nations... Les communistes sont, à leur insu, les miliciens de celui que l'Écriture appelle l'homme fort de ce monde. Nous avons le devoir d'entrer en lice et relever le gant, nous qui sommes les soldats de l'Homme plus fort encore: Jésus Christ». (Journées d'Études, novembre 1959).

«La royauté du Christ n'a pas à être définie en fonction du monde moderne; et la tactique sera ce qu'elle sera, mais son but demeure d'humilier le monde moderne — comme les hommes et les mondes de tous les temps — aux pieds de cette Royauté, et non de chercher un accord diplomatique entre Dieu et le monde». (La Pensée Catholique, 1949).

«Il faut haïr carrément, le plus possible, les persécuteurs de Dieu et de son Église, ennemis plus du bien public que de la société chrétienne. Loin d'être péché, ce sentiment est vertu, parce qu'issu précisément de la charité, qui ne peut nous porter à aimer que ce qui est bon, que ce qui est aimable: or ces gens-là sont mauvais, donc... Oui, il est permis et

8

SERVICIOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Segue



Provas remetidas à Censura

em 19/4/63

Prova n.º 40

Saída em 19/4/63



obligatoire, en charité, de souhaiter l'humiliation, la suppression des ennemis de l'Église ». (*Paternité-Maternité*, n.º 39, mars 1953).

«Au service de la charité, le polemist dispose d'arms très redoutables: des armes qui peuvent faire très mal. Ces armes — que le sentimentalisme libéral voudrait mouheter au maximum — ce sont: l'ironie, le rire, l'insulte, l'attaque contres les personnes, l'intrusion dans la vie de l'adversaire». (*Verbe*, janvier 1955, p. 54).

É realmente confrangedor o que se depreende de todo este acumular de erros e semi-verdades. Quem no entanto quiser sofrer melhor esta sensação de descalcificação mental leia o livro-resumo do integrismo. Chama-se esse livro *Pour Qu'il Règne* e conta nada menos de 918 páginas, que são preenchidas por citações as mais diversas (perto de 500 páginas) e por normas de estrutura e de acção. Quanto às citações vemos que nelas aparecem textos de 26 Papas, fora S. Pedro, e de autores que vão desde Celso a Françoise Sagan. O cardeal Pie é citado 77 vezes, enquanto que o Evangelho, fonte do conhecimento da Palavra divina, é apenas citado vinte vezes. Não há dúvida de que estamos bem longe do Evangelho quando lemos as teses do integrismo e muito perto das ideias pessoais de certos elementos irrelevantes face à doutrina de Cristo.

Estes homens, com estas ideias, directamente ou indirectamente propuseram-se construir estruturas para o seu movimento. Com um esforço aqui e outro ali essas estruturas foram nascendo, sobretudo numa França onde a alienação de uma democracia envelhecida e o desenrolar do problema colonial tinham gerado graves perturbações. Assim, naquele país, encontramos três movimentos afins, seis revistas e três espécies de «correias de transmissão». Começamos pelos primeiros. Trata-se da *Cité Catholique*, do *Centre d'Etudes Supérieures de Psychologie Sociale* e da *Association Universelle des Amis de Jeanne d'Arc*. *Cité Catholique*, outrora *Centre d'Etudes Critiques et de Synthèse*, é dirigido por Jean Ousset, antigo anarquista, e tem por fim principal a restauração da cidade cristã à base de meios contra-revolucionários e de elementos com doutrinação integral. Contava em 1960 cerca de 5000 aderentes activos organizados em cerca de 400 grupos de estudo e acção. Publicam uma revista, *Verbe*, de que falaremos mais adiante. O *Centre d'Etudes Supérieures de Psychologie Sociale* é dirigido por George Sauge, antigo comunista, e pretende formar contra-revolucionários utilizando as técnicas de acção comunistas, aprendidas em sessões de estudo e conferências — oito por noite. Quanto à *Association Universelle des Amis de Jeanne d'Arc*, cujo presidente em 1960 era o general Weygan, podemos dizer que é o movimento com mais influência entre militares. Pretende restaurar o culto da santa de Donrémy, prolongar a sua missão pela oração e o apostolado e defender a Igreja e a França onde quer

9

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

segue

Provas remeidas à Comara

15/4/63

Prava n.º 41

Saida em 28/4/63

que estejam em perigo (em 1960 era o caso da Argélia...). De notar que todas estas movimentações são feitas debaixo de uma grande influência das instituições militares, não só no aspecto d e estruturas como no disciplinar e até no terminológico. É fácil encontrar na literatura integrista termos como: «arsenal», «textos explosivos», «dispositivos de segurança», «comandos», etc.

Quanto às revistas podemos citar *Défense du Foyer*, *Itinéraire*, *L'Ordre Français*, *La Pensée Catholique*, *Verbe*, *Civitec* e *Contacts*. A primeira e a última desapareceram, ou por vontade da hierarquia ou pela evolução dos acontecimentos argelinos, continuando, no entanto, aquela a sair com outro nome: *Paternité-Maternité*. Todas as demais ou são representantes de certos movimentos especificados ou são meros porta-vozes do integrismo em geral. Sem excepção, o seu conteúdo é do mais baixo nível teológico e político, não aproveitando a ninguém a sua leitura.

As «correias de transmissão», expressão roubada à terminologia comunista, são organizações de massa intermediárias entre os chefes dos variados movimentos e o grande público. São exemplo certos «comitês» cívicos para a ordem social cristã e para a defesa dos perseguidos pelo comunismo ou simples «comitês» eleitorais. Quase todos estes grupos estão debaixo da alçada do movimento de George Sauge, o *Centre d'Etudes Supérieures de Psychologie Sociale*.

Inúmeros outros grupos por toda a província francesa contribuem silenciosamente para a grande obra do integrismo, sendo fastidioso citá-los.

Fora e dentro da França a influência destes movimentos, sobretudo da *Cité Catholique*, é muito superior às aparências. A Itália e a nossa península, assim como a Argentina e parte da África, estão profundamente atingidas pela penetração integrista. Umaz vezes são grupos que nascem, outras são um simples acumular calmo de sedimentos sobre uma população enfraquecida por uma autoridade absoluta, nada mais sendo preciso para o erro ser espalhado e se radicar em prejuízo de todos. Já vimos que o integrismo é mais uma maneira de ser que se tenta explicar do que uma doutrina que se quer seguir, compreendendo-se assim as numerosas adesões tácitas em países onde nem sequer se ouviu falar de «integrismo». É o caso do peronismo, do falangismo e de outros que porventura bem conhecemos. A adesão é a adesão pelo equívoco, pela confusão, e essa é bem fácil de se conseguir perante uma opinião pública inexistente e uma Igreja silenciosa.

Apontados como já foram quase todos os erros e paradoxos em que decai aquilo que designamos por integrismo, basta-nos para apreciação crítica final fazer uma espécie de sùmula do que dissemos ao longo deste

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

segue

Provas remetidas à Comara

em 15/4/63

Prova n.º 42

Saída em 28/4/63



trabalho, mas agora sob o nosso ponto de vista. O integrismo afigura-se como um temperamento fruto do primarismo de formação. Acima de todas as demais considerações, para nós trata-se de uma mera ascensão da mediocridade ou, noutros casos, da má fé ao nível de pretensa construção ideológica. Sobre uma base moral em que a satisfação dos interesses pessoais está, na prática, em primeiríssimo lugar e uma base política, cuja finalidade é unicamente defender todos esses interesses, o integrismo aparece-nos com uma única novidade perante os demais movimentos das direitas: o tentar, como reforço da sua base política, confundir todos os seus histerismos possessivos com a Palavra de Jesus Cristo. Conseguindo-o, tudo será fácil para a classe burguesa que representa, visto as suas defesas serem com isso imensamente reforçadas. Para conseguir tal confusão, levanta espantalhos, cria mitos, move perseguições e profere condenações, tudo em nome da Igreja de Cristo, aquela através da qual a Verdade parece ter passado em autêntica transfusão para a mente iluminada de todos os integristas. Não se limitando a adulterar a ortodoxia e a substituir-se à Hierarquia, os novos maniqueístas lançam-se à Conquista, usando como armas a Intolerância e o Fanatismo. Ao longo da sua literatura salta à vista o seu carácter judiciário, tão oposto à doutrina da Igreja militante, que sabe nunca querer nem poder vir a ser triunfante neste mundo como o é no reino do Além. Nunca poderá, em nome da perduração do testemunho de Cristo, haver equívoco entre Igreja e sociedade cristã, entre Igreja e regime político, entre Igreja e partido político. Para os integristas tudo é visto com olhos profundamente clericais, fazendo lembrar as recentes palavras de um bispo português: *É no entanto não deixamos de ver a Igreja no Clero, a par da Igreja na paz do Clero, o bem da Igreja no bem do Clero, a honra da Igreja nas honras prestadas ao Clero. É o fariseísmo feito sistema, o reatar das fogueiras da Inquisição, o reabrir da «sinagoga» dos vendilhões, a morte da Mensagem de Cristo.*

Entretanto, qual a atitude da Hierarquia católica perante o desenrolar contínuo destas manobras corruptoras da Igreja? Sob um grande nevoeiro silencioso nada se ouve, salvo o leve balbuciar dos que temem o perigo e dos que antes o apoiam. Há já uma declaração dos bispos franceses que desacredita as teses integristas à luz da teologia, mas, por sua vez, também há a voz tristemente autorizada de um ou outro bispo, de um ou outro cardeal e, sobretudo, o silêncio cúmplice de todos os demais a aceitarem o engano de tais teses. Uma única pergunta se pode fazer: até quando continuaremos a ouvir quase impunemente justificar Peron, Mussolini, Salan e tantos outros à luz dos princípios cristãos? Até quando?

SERVIÇOS DE GERAL  
(SÉDE)  
CORTADO

MÁRIO BROCHADO COELHO

Provas remetidas à Censura

em... 18/4.../63

Prova n.º 91

Saída em 28/4/63



91/98

## BERTRAND RUSSELL, UM HUMANISMO VIGILANTE

A António Sérgio,  
leme de qualquer processo crítico

«All rebels originate a new orthodoxy» disse algures<sup>1</sup> B. Russell.

<sup>1</sup> *Satan in Suburbs and Other Short Stories.*

Todavia esta regra tem uma excepção: Bertrand Russell.

Mas quem é ele? Um intelectual multifacetado, afastado dos problemas do mundo? Um intelectual de acção? Um doutrinador? E... que interessará uma predicação humanista quando ela se pode corroer e desagregar na fluidez da vida e no impacto das ideologias. Poucos intelectuais, como Zola no «J'accuse», conseguiram a síntese difícil entre os compromissos da acção e a judicatura intelectual<sup>2</sup>. Como reagiu o sor-

<sup>2</sup> Cf. Julien Benda em «*La Trahison des Cleros*» e Raul Proença em «*Páginas de Política, II*».

ridente autor de «*In Praise of Idleness*» a este quásidilema? Deixando para outro momento um estudo sobre o pensamento russelliano, tentemos, tão-só e de modo breve, encontrar as traves mestras do pensamento e acção do ensaísta de «*The Analysis of Hind*», correndo embora o risco de fraccionar um todo ideológico coeso, unitário. Mas corramos o risco!

A actividade intelectual de Russell tem sido, de um lado, norteadada por uma fidelidade a um conjunto de ideais humanos e, de outro, por uma calma capacidade de rever posições e de as abandonar, ao considerá-las ulteriormente erradas. Veja-se, por exemplo, o modo como em «*Reply to Criticisms*»<sup>3</sup> concorda com alguns dos seus críticos, indicando, por vezes,

<sup>3</sup> Publicado em «*The Philosophy of Bertrand Russell*», tem uma excelente bibliografia russelliana.

trabalhos posteriores em que já expressara opinião evoluída.

Russell, que começou por um ensaio político «*German Social-Democracy*» (1986), tem trabalhado essencialmente em três campos distintos, ainda que interconexos: a investigação científica, a indagação filosófica e a crítica político-social.

A sua actividade científica como lógico matemático culmina com a publicação — associado a A. N. Whitehead — dos célebres «*Principia Mathematica*» (1910- 12, 13). E assim se iniciou, no caminho aberto e começado a desbravar por Russell, o segundo grande período da história

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 18/4/63

Prova n.º

Saída em 28/4/63



da Lógica, ciência que, desde a obra notável de Aristóteles atravessara, praticamente sem sobressaltos, 2500 anos de história. Os seus interesses no cruzamento da Filosofia e da Matemática levaram-no a formular uma filosofia matemática — o logicismo — de reminiscências platónicas.

A época de actividade científica de Russell quase termina cerca de 1915. Os seus interesses filosóficos e sociais cedo o fizeram derivar para uma posição activa no domínio do pensamento filosófico e da visão sócio-histórica. E assim o pensador da «Introduction to Mathematical Philosophy» logo se define como um intelectual da rebeldia pura, da heterodoxia permanente, nunca se isolando, vindo ao plano público quando o julga necessário, sempre imerso, mas jamais submerso, na vida multivariada do nosso tempo.

A filosofia russelliana pode caracterizar-se por uma dupla rejeição da filosofia tradicional e da filosofia linguística, ainda que mais próximo desta última. A actividade analítica é um elemento típico do seu «atomismo lógico» que através da análise lógica até aos indivisíveis, visa a clarificação do pensamento para compreender o mundo pois «...with sufficient caution, the properties of language may help us to understand the structure of the world»<sup>4</sup>. Esta análise leva-o a uma dupla recusa

<sup>4</sup> *An Inquiry into Meaning and Truth.*

de metafísica e da religião. Os ensaios críticos «An Inquiry into Meaning and Truth» e «Human Knowledge, its Scope and Limits» constituem, talvez, o topo da sua obra filosófica. Um dos problemas epistemológicos (ou o problema epistemológico?) que mais preocupa o ensaísta de «Our Knowledge of External World» é o do fundamento da indução, tópico de que estamos longe de crer que Russell, bem como os seus críticos, tenha dado uma solução eficiente.

A sua influência no pensamento filosófico-científico actual é profunda: é constante em operacionalistas, idoneístas e neo-positivistas o citar de trabalhos seus.

Mas um analista em filosofia, afirmando insistentemente a inteligibilidade do real, dificilmente poderá ser um ortodoxo no pensamento político-social. Os interesses sócio-políticos de Russell, que vem de longa data, tornam-se mais intensos a partir de cerca de 1915; desde então até cerca de 1945 flui uma obra constante de doutrinação e crítica a que se vem seguindo um insistente comentário social.

O ingrediente fundamental da filosofia política do autor de «Power, a New Social Analysis» é o seu medo do poder, seja ele político, econó-

COMISSÃO DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 18/11/63

Prova n.º 193

Saída em 28/4/63



3

mico ou de propaganda e da ânsia de poder, causa de guerra. A velha frase de Lord Acton é um espectro que assombra Russell e constitui o dado essencial de todas as suas análises político-históricas<sup>5</sup>, conquanto

<sup>5</sup> «Tous les états puent» repete Julien Benda em «*La Trahison des Clercs*». conquanto ele esteja longe de ser um historiador. «Every power needs curbing»<sup>6</sup> é uma das suas frases na entrevista (1958) para a televisão.

<sup>6</sup> *Bertrand Russell speaks his Mind*.

Em todas as caminhadas através do histórico, Russell pretende estudar o modo de evitar o abuso do poder e a constituição do poder absoluto para obter a libertação do homem.

O autor de «*Authority and the Individual*» é pois um filósofo da liberdade, defensor da democracia política e do equilíbrio dos poderes constitucionais. Mas a democracia política sem as condições económicas dos seus exercícios tem vida precária e difícil — daí a necessidade da democracia social, libertadora do homem, condição necessária do político: a filosofia política russelliana é, assim, uma teoria do socialismo democrático, de tonalidades anarquistas.

Um outro elemento estrutural da visão russelliana é a ampla tentativa anti-fanática e anti-racista<sup>7</sup> de compreensão total da humanidade, de

<sup>7</sup> Cf., por ex., *Unpopular Essays*, cap. (Ideas that have harmed mankind). todas as suas grandezas e misérias e de, abandonando moralinas simplistas, tentar utilizar as qualidades e defeitos dos homens como instrumento de progresso social.

Uma análise social não se faz, porém, apenas no domínio das grandes ideias, dos primeiros princípios: é preciso detalhá-la em pequenos parmenores, trocá-la em trocos miúdos. E há páginas de antologia irónica e crítica nos «*Unpopular Essays*» e «*Sceptical Essays*»; neste último, o ensaio magistral sobre o mal que fazem os homens bons, entre tantos outros, é uma descrição apolínea de fantasmas que pairam sobre sociedades<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Veja-se, análogamente, «*Espectros*» em «*Ensaio, I*» de António Sérgio.

«A conquista da felicidade» — título algo romântico de um volumito dedicado à análise do quotidiano — é o objectivo de Russell. Daí que a problemática das causas de felicidade e infelicidade surja no aberto planeamento futuro — por vezes ingénua — das estruturas sociais: após a solução dos problemas fundamentais as sociedades deverão orientar-se

SERVÍÇO DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 18/4/63

Prova n.º 94

Saída em 28/4/63



para a diminuição do tempo de trabalho, a difusão da cultura (não dirigida) e a facilitação do espírito de aventura, elementos dinâmicos de tantas consciências.

Mas o futurar de perspectivas jamais afasta Russell dos problemas candentes do momento, levando-o a denunciar os perigos e ameaças que vê pender sobre a humanidade.

Com respeito às ideologias fascista e comunista tomou posição bem clara. Simpatizando com projectos do pensamento marxista, recusou os meios usados. Já em 1920 exprimiu discordâncias base e previu a possibilidade de uma evolução autocrática do regime, o que sempre combateu; daí alguns ataques violentos, em particular após a II Guerra Mundial. Para o nazi-fascismo a sua posição é mais radical: nem meios, nem fins. Os crimes de que o fascismo vinha eivado à nascença fizeram logo de Russell um opositor profundo. E o pacifista de I guerra mundial foi, ainda que com breves hesitações aquando de Munique, um dos defensores da guerra ao nazismo pois «...I thought Hitler utterly intolerable. The whole nazi outlook was absolutely dreadful, and I thought that if the nazis conquered the world, as they obviously intended to do if they could, the world would become a place where life would be absolute hell and I thought we must stop it»<sup>9</sup>

<sup>9</sup> *Bertrand Russell speaks his Mind.*

A partir de II guerra mundial, Russell junta-se ao grupo de cientistas preocupados com o problema atómico; desde então quase toda a sua actividade político-social vem marcada pela visão apocalíptica do fim da humanidade pela explosão nuclear: a sua ininterrupta corrente de livros, folhetos e artigos roda, essencialmente, em torno do tema amargurado da sobrevivência do homem, visto que «the human race has survived owing to inefficiency, but inefficiency is now diminishing»<sup>9</sup>.

Assim se explica a sua acção no caso de Cuba. Talvez seja útil esclarecê-la um pouco. As cartas que escreveu aos dois KK, ao ser declarada a quarentena, pedindo-lhes que sustassem a marcha à guerra, ficaram ignoradas dos meios de informação: uma voz pacifista pouco interessava, o momento era da política. E o olvido durou até que Krushev lhe respondeu: descoberto então, teve as honras de primeira página<sup>10</sup>. Rus-

<sup>10</sup> Vejam-se os números de Out. e Nov. 1962 de «The Observer» e «The New Statesman».

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



Provas remetidas à Censura

em... 18/4 /63

Prova n.º 95

Saída em 28/4/63



sell foi, neste momento da história humana, a voz intelectualizada da ansia do mundo pela paz. Outro humanista, U. Thant, conseguiu finalmente pôr em marcha a solução da crise, executando o neutralismo activo, tantas vezes defendido por Russell, e que, com os inevitáveis altos e baixos, vem efectuando a descompressão internacional e a coexistência necessária dos mundos.

A defesa da coexistência entre os dois blocos encontra-se em Russell há já longo tempo<sup>11</sup>: ela decorre naturalmente das analogias entre a

<sup>11</sup> Cf. «Unpopular Essays», cap. III (The future of mankind).

tensão internacional actual e o longo antigo inútil combate entre cristãos e muçulmanos, agora terminado.

O autor de «Has Man a Future?» é, assim, um intelectual da terceira força, como tantos outros procurando a federação pacífica da humanidade a que o espectro nuclear veio dar o carácter de uma (quase) necessidade histórica<sup>12</sup>. Decerto, a coexistência é facilitada pelo futurar

<sup>12</sup> Cf. artigo de B. Russell em «New York Times», 7/Ab./1963.

que a evolução política do mundo moderno levará os dois tipos de sociedades a uma convergência para uma estrutura análoga (talvez directorial), consequência inevitável do mesmo suporte tecnológico<sup>13</sup>. Mas novos

<sup>13</sup> Bertrand Russell *Speak his Mind*.

problemas surgem! A formação de uma estrutura directorial, com a sua aristocracia burocrática, constitue outro perigo sociológico que só poderá ser combatido pela difusão democrática do poder, e separação dos poderes e pela liberalização educacional, eliminando o encorajamento do dogmatismo, os entraves ao livre exame e o condicionamento (huxleyano) do homem para uma estagnação neo-bizantina.

De novo, e sempre, o medo da corrosão do poder e a afirmação da necessidade de um progresso intelectual amplo, talvez os dois mais belos traços do pensador que afirma em «Proposed Roads to Freedom»: «A world full of happiness is not beyond the human power to create; the obstacles imposed by inanimate nature are not insuperable. The real obstacles lie in the heart of man, and the cure for this is a firm hope, informed and fortified by thought».

New York, 13/Abril/1963

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

J. TIAGO DE OLIVEIRA

Provas remetidas à Censura

em 18/4/63

Prova n.º 96

Saída em 28/4/63

**IN DUBIO PRO REO**

O *Diário de Notícias* do passado dia 13 de Abril inseria o seguinte anúncio:

**CAPITALISTAS**

*Grupo importante, conhecidos e honrados capitalistas propõe financiar desenvolvimento M. P. L. A., Lda. em Angola, contra garantias totais de salvaguarda das suas propriedades naquela provincia ultramarina.*

*Respostas a M. Vinhas, Rua Afonso Henriques, 20 — Estoril.*

Este insólito anúncio, que só passou despercebido a quem desconheça o que significam as iniciais M. P. L. A. — e apesar de tudo, não supomos os portugueses tão distraídos — não foi, certamente enviada pelo signatário. Antes se trata de uma sinuosa manobra de quem não tem coragem ou convicção para muito mais, e que hábilmente se destinava a ser acolhida em paralelo com alguns boatos que, de há tempo para cá, se têm vindo a espalhar.

Manobra tanto mais grave quanto a insinuação feita dificilmente poderá ser rebatida pelo acusado.

Nos últimos tempos, é esta a segunda vez que assistimos — e sempre sem possibilidade de defesa para os inculpadados — a acusações que contêm matéria grave de facto e que merecem publicidade — directa ou indirecta — nos nossos periódicos.

Que umas se insiram nas primeiras páginas — e bem solenemente — que outras venham nas últimas — e bem disfarçadamente — não obsta a que as comparemos como igualmente não obsta que sejam — aparentemente — mais diversos os acusadores, mais ou menos públicos e mais ou menos declarados.

Quanto mais grave é o crime que se imputa (como, por exemplo, trair a Pátria) mais nos quer parecer dever de elementar justiça ouvir os imputados.

Não sendo assim as dúvidas têm toda a razão de persistir e a opinião pública — mal esclarecida — inclinar-se-á, é evidente, e de direito, *pro req.*

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO